



Centro de Artes

Curso de Teatro – Licenciatura



Trabalho de Conclusão de Curso

**IMAGIN(ARTE) – UM RELATO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL NA FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA DE TEATRO**

VERÔNICA FERNANDES DIAZ

Pelotas, 2020

VERÔNICA FERNANDES DIAZ

**IMAGIN(ARTE) – UM RELATO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL NA FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA DE TEATRO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de
Teatro – Licenciatura do Centro de Artes da UFPel como
requisito parcial a obtenção do título de Licenciada em Teatro

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Dias

Pelotas, 2020

VERÔNICA FERNANDES DIAZ

**IMAGIN(ARTE) – UM RELATO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO NA
EDUCAÇÃO INFANTIL NA FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA DE TEATRO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de
Teatro – Licenciatura do Centro de Artes da UFPel como
requisito parcial a obtenção do título de Licenciada em Teatro.

Pelotas, 11 de Setembro de 2020

Prof. Dr. Gustavo Angelo Dias (Orientador)
Universidade Federal de Pelotas

Profa. Dra. Andrisa Kemel Zanella (Avaliadora)
Universidade Federal de Pelotas

Prof. Me. Davi Freire Giordano (Avaliador)
Universidade Federal de Pelotas

Prof. Thales Duarte (Avaliador)
Universidade Federal de Pelotas

Dedico este trabalho primeiramente aos que me trouxeram ao mundo, incansáveis com seu amor e dedicação: meus pais, Vera e Mauricio.

Também à minha fonte de inspiração, que me fez perceber a importância de buscar o que realmente tem valor para cada um de nós, me ensinando o impacto que vivenciar personagens e contar histórias pode trazer na vida de outras pessoas: Drica Moraes.

E é claro, a todas as crianças. Especialmente as que enfrentam dificuldades desde a infância. Vocês são a esperança de um futuro melhor.

AGRADECIMENTOS

“São tempos difíceis para os sonhadores.”

As relações cada vez mais líquidas.

“Nas aparências todos tão iguais, singularidades em ruínas”.

Mas felizmente tem quem dê a mão e não peça mais nada em troca.

Aprendi que descobrimos quem está ao nosso lado nos momentos mais felizes, porque a alegria ainda é mais singela e emocionante que a tristeza. Não é qualquer um que se contagia.

Agradeço a todos vocês por me ajudar a olhar...

Deus, energia do universo, sem forma ou gênero pré definidos, junto as forças da natureza, Orixás. Umbanda paz e amor, mundo cheio de luz, força que me dá vida e grandeza que me conduz.

Ancestrais, familiares e todo seu legado inconsciente e onipresente.

Mauricio e Vera, pai e mãe, ouro de mina. Uma dissertação inteira não descreveria o quanto sou feliz por tê-los comigo, na vida, no sangue, na pele, no coração. Em todas as vidas que me restarem quero ter a honra de vir com vocês.

Tia Carmen, eterna. “Vó Carmi”. Minha alma aguarda nosso reencontro. “Minha estrela-guia era o teu riso”.

Tio Wilson, Amigo, meu dindo, bebezuxo das bochechas fofas, guerreiro. Não deverias ter partido antes de comemorar a minha formatura, de me ver utilizando a palheta de sombras que me destes para começar meu trabalho de maquiadora profissional, antes de lermos gibis para teus netos e eu morrer de ciúmes como já acontecia sempre que pensava na tua outra afilhada Luiza. Antes de encontrarmos um lugar para provar rosbife, de irmos pro Cassino, de conhecermos o Chile. Eu só te perdoo porque sei que estarás feliz junto de nossa amada Célia. Vou lembrar de ti ao pensar em pipas, ao torcer pro nosso Lobo, ao visitar o Laranjal. Vou lembrar sempre que estiver no meu quarto, nosso quarto. Vou lembrar sempre. Porque “Só morre quem é esquecido”.

Abuelita Sonia, no sabes el orgullo que es ser tu nieta. La distancia en nada cambia lo cuanto que te quiero y lo ejemplo que eres de mujer, madre, profesora y persona.

Gracias por tanto!

Minha eterna gratidão ao curso que realmente inclui e aprova os que o sistema reprova. Desafio pré vestibular.

Todos os professores que tive, no sentido mais forte da palavra; todos que me ensinaram lições valiosas com dedicação e afeto. O que inclui, familiares educadores...

Meu querido amigo e orientador Gustavo Dias, obrigada por estimular o melhor de mim, me apresentar o magnífico sabor da rúcula, e participar desse belo trocadilho que é nossos sobrenomes em citações.

Esta linda banca de defesa, escolhida a dedo pela intuição que me apontou o coração.

Especialmente a pedagoga dos sonhos de qualquer criança, quase uma noviça, babá, daquelas que saem direto dos filmes, ou conto de fadas. Com toda a magia da beleza e do amor, que transformam a vida da gente, que plantam a semente, com todo o carinho, queria que pudesse acompanhar este momento: Valquíria Muhammed; brilharás eternamente nos corações de todos que tiveram o prazer de cruzar o teu caminho. “Porque não importa pra mim, quem ou o que você é, um gato, um cachorro, ou um canguru: mesmo assim te adoraria”.

Como “qualquer maneira de amor vale a pena”...

Mesmo que palavras não sejam capazes de expressar um tipo de sentimento e relação tão pura e singela como essa, preciso falar do Furacão, o cachorro *shitzu* mais lindo e amado que já existiu neste planeta. Inaceitável me deixares na reta final deste momento tão importante, em que eu queria poder tirar fotos de toga contigo e tu de jaqueta de couro preta no meu colo, com a bandeira do arco-íris ou enfeite de cabelo do Batman. Obrigada por transformar a minha vida pra sempre, ser um amigo tão carinhoso e fiel, aguentar meus gritos de amor, abraços esmagadores e beijos na cabeça, além de ser obrigado a me deixar pentear os bigodes que você odiava. Suas mães te amam eternamente! Agradeço-te por me permitir superar o maior pânico de todos através do amor. Obrigada por tudo que envolve teu nome representar amor. Obrigada por ter me protegido em todos os momentos e dormir nos meus braços como um anjo deixando teu cheirinho de bebê nas cobertas e lembranças lindas no meu coração.

Meus amigos, e todos que me cativaram e que pude cativar gratidão.

Vick, gratidão por saber que posso contar contigo em todos os momentos, sejam bons ou ruins. Isso não tem preço e nunca saberia como demonstrar o quanto sou sortuda por isso.

Alisson Godoi obrigada pelo olhar compreensivo e o ombro amigo nos momentos mais difíceis desencadeados por crises de ansiedade, e os sorrisos tranquilizantes durante as oficinas que ministramos juntos.

Ivi Oliveira obrigada por sempre incentivar a acreditar que era capaz de ser professora e artista. Admiro forte teu trabalho e a forma com que te dedicas de corpo e alma à arte e ao universo mágico das crianças. Tua paciência de Jó comigo só Oxum explica hahaha. Coração enorme como mãe. Obrigada por me permitir ser tua amiga e madrinha. E por muitas vezes ser a dinda que eu preciso me auxiliando muito mais do que eu mereço. Que todas tuas lágrimas sejam de felicidade e teu caminho seja sempre doce como mel.

Especialmente minha Poc, companheiro de aulas, de estágios, de visitas ao laguinho, de bares, de cafés e surtos: Thales Duarte. É uma honra poder partilhar o mesmo signo, profissão e a vida contigo.

Por falar em café... O que seria de mim e de várias pessoas sem o Seu Rodolfo e sua aconchegante *Naranja Mecânica*?

Agradeço também a todos técnicos e funcionários da UFPel que me auxiliaram nesta trajetória, especialmente a Paula Pereira.

Enfim... Sem vocês “as emoções de hoje seriam apenas uma pele morta das emoções do passado.”

Gratidão! Obrigada! *Gracias! Thanks! Namastê!*

*"Si encuentras tu chiquitita no la dejes ir
Es tu mejor partecita para comprender
Como hay que vivir."*

(Cris Morena).

Resumo

DIAZ, Verônica. **Imagin(arte) - Um relato a partir das experiências de Estágio na Educação Infantil na formação de uma professora de Teatro**. 2020. x f. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Teatro – Licenciatura, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

Este trabalho traz um relato de experiência, reflexivo e autobiográfico acerca da experiência de estagiar como professora de Teatro na Escola Municipal de Ensino Infantil Ruth Blank. Esta escola vem exercendo um papel fundamental na comunidade central de Pelotas, possibilitando aos educandos o acesso e a interação com as mais diversas manifestações culturais, mediando e incentivando os pequenos o gosto pela arte, bem como estimulando o desenvolvimento da percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística. Esta vivência deu-se no ano de 2017, com uma turma de 19 alunos do Pré-2 B, com idade entre cinco e seis anos, com carga horária de 20 horas. A partir desta experiência, proponho uma reflexão acerca do ensino de teatro nas escolas como uma alternativa a uma abordagem tradicional que tem enfoque na espetacularização e obtenção de um produto final. Além disso, trago planos de aula como forma de documentação — a fim de levantar questões que proporcionem uma autocrítica, comentando aspectos a serem melhorados, ideias que surgiram e adaptações que foram aplicadas — assim como autores das práxis que convergem suas metodologias com as aplicadas no estágio, como Ingrid Koudela que traz a importância da mediação; Viola Spolin com seus jogos teatrais; Peter Slade com o jogo dramático e Taís Ferreira, que trabalha com a valorização dos processos pedagógicos e teatrais na infância. Assim sendo, sugiro uma compreensão do processo de aprendizagem através de jogos, estímulos e apreciação da arte desde a infância, com o propósito de desenvolver um adulto reflexivo mais atento ao sensível e às questões que o permeiam e atingem os outros ao seu redor.

Palavras-chave: Pedagogia teatral; Educação infantil; Estágio; Jogos teatrais.

Resumen

DIAZ, Verônica. **Imagin(arte) - Un relato a partir de las experiências de Estágio en la Educacion Infantil en la formacion de una profesora de Teatro**. 2020. x f. Trabajo de fin de curso. Curso de Teatro – Licenciatura, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

Este trabajo trae un relato vivencial, reflexivo y autobiográfico sobre la experiencia de la pasantía como profesora de teatro en la Escuela Municipal de Educación Infantil Ruth Blank. Esta escuela ha venido jugando un papel fundamental en la comunidad central de Pelotas, posibilitando que los estudiantes accedan e interactúen con las más diversas manifestaciones culturales, mediando y animando a los pequeños a disfrutar del arte, además de estimular el desarrollo de la percepción, la imaginación, la sensibilidad, conocimiento y producción artística. Esta experiencia tuvo lugar en 2017, con una clase de 19 alumnos de Pre-2 B, de entre cinco y seis años, con una carga de trabajo de 20 horas. A partir de esta experiencia, propongo una reflexión sobre la enseñanza del teatro en las escuelas como alternativa a un enfoque tradicional que se centra en la espectacularización y la obtención de un producto final. Además, traigo como forma de documentación los planes de estudio — con el fin de plantear preguntas que aporten autocrítica, comentando aspectos a mejorar, ideas que surgieron y adaptaciones que se aplicaron — así como autores de la praxis que convergen sus metodologías con las aplicadas en la prácticas, como Ingrid Koudela que aporta la importancia de la mediación; Viola Spolin con sus juegos teatrales; Peter Slade con el juego dramático y Taís Ferreira, que trabaja con la valorización de los procesos pedagógicos y teatrales en la infancia. Por ello, sugiero una comprensión del proceso de aprendizaje a través de juegos, estímulos y apreciación del arte desde la niñez, con el fin de desarrollar un adulto reflexivo más consciente de lo sensible y de las cuestiones que permean y afectan a los que le rodean.

Palabras-clave: Pedagogia teatral; Educación infantil; Estágio; Juegos teatrales.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Jogos de improvisação.

Figura 2: Brincadeira do Zoológico.

Figura 3: Apresentação de *O Reizinho Mandão*.

Figura 4: As crianças assistindo à peça.

Figura 5: Brinco da Is.

Figura 6: Despedida da turma.

Sumário	
AGRADECIMENTOS	6
Resumo	10
Resumen	11
LISTA DE FIGURAS	12
INTRODUÇÃO	14
1. PRELÚDIO À REPRESENT(AÇÃO), DOCÊNCIA: EXPECTATIVA E MOTIV(AÇÃO)	16
2. MÁGICA DA OBSERV(AÇÃO)	19
3. O TEATRO (SAI DA TOCA): RECONHECENDO A LINGUAGEM TEATRAL EM FORM(AÇÃO).....	21
4. ADENTRANDO AO MUNDO DA IMAGIN(AÇÃO).....	25
5. ERA UMA VEZ UM REIZINHO MANDÃO... SEM EDUC(AÇÃO)	31
6. O TRAJETO É TÃO IMPORTANTE QUANTO A LINHA DE CHEGADA	36
6.1. Infância, arte e educação em tempos de pandemia.....	36
6.2. Como valorizar o processo de produção para além do produto da espetacularização?.....	38
6.3. A criação do sujeito sensível não é um valor?.....	40
UM COR(AÇÃO) CHEIO DE INSPIR(AÇÃO).....	41
REFERENCIAS.....	43
APÊNDICES	44
Registros dos alunos	62

INTRODUÇÃO

Este é um relato autobiográfico das minhas experiências na disciplina de Estágio I (na Educação Infantil) no curso de Teatro – Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas, bem como das metodologias por mim utilizadas e seus resultados, derivando assim em uma análise reflexiva sobre meu papel enquanto professora de teatro em formação.

O objetivo deste estudo está na possibilidade de debater questões relacionadas às perspectivas, expectativas, inseguranças e dúvidas que permeiam a caminhada do estudante que se depara com a prática de estágio, e a realidade de enfrentar uma licenciatura. Lidando com inquietações pessoais, psicológicas e sociais, além de algumas provocações e problemáticas que envolvem uma sala de aula.

Para tanto, trarei planos de aula e minhas observações, com o intuito de fomentar o pensamento da preparação, construção, prática e formação docente ao longo da graduação. Além de levantar questões que proporcionem uma autocritica, comentando aspectos a serem melhorados, ideias que surgiram e adaptações que foram aplicadas.

Longe de ter a pretensão de servir como modelo, este trabalho visa uma oportunidade de compartilhar vivências significativas em minha trajetória acadêmica, profissional e pessoal. Bem como explicitar algumas das inúmeras transformações pelas quais passei ao longo da graduação e da descoberta do amor pela docência, especificamente pelo universo infantil, além de criar diálogos com outros professores em formação e profissionais já atuantes no mercado de trabalho.

O Método de pesquisa autobiográfico, mesmo sendo subjetivo e relativamente recente, surgiu como uma nova perspectiva investigativa, despertando polêmicas sobre sua forma epistemológica, mas seu uso autônomo vem sendo reivindicado por estudiosos que defendem uma renovação nos métodos de ensino objetivos remanescentes.

Desta forma, a metodologia deste trabalho inclui relatos e reflexões a partir de um diário de bordo, pois aqui realizo um relato a partir de análises documentais de minhas experiências enquanto graduanda em Teatro – Licenciatura. Abordando assuntos relevantes à arte e educação, obtendo como referência o trabalho de Ana Mae Barbosa e Dib Carneiro Neto, por exemplo.

Assim como autores das práxis teatrais, que tiveram suas metodologias aplicadas no estágio, como Ingrid Koudela, Viola Spolin, e Peter Slade. Trago como justificativa a informação de que a finalidade do Curso de Teatro, expressa no Projeto Pedagógico do Curso – PPC (UFPEL, 2010), é: “a formação de profissionais do campo teatral comprometidos com a construção do conhecimento, com a produção e desenvolvimento cultural da região, com a educação e formação de crianças, jovens e adultos no ensino formal e informal e, sobretudo, com os valores humanos mais caros”.

Apresenta ainda como objetivo geral: “Formar profissional Licenciado em Teatro com amplo conhecimento sobre a linguagem teatral para atuar no mercado de trabalho como professor(a), agente cultural, ator/atriz e diretor(a)-pedagogo(a)” (UFPEL, 2010, p. 8). Defendo assim que teoria e prática funcionam em conjunto, pois uma complementa a outra. Como indica o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) há “um descompasso entre os caminhos apontados pela produção teórica e prática pedagógica existente” (BRASIL, 1998, p. 87). Para tanto, considero relevante refletir sobre o que praticamos, e documentar nossas práticas. Com o desejo de tornar-me uma professora, artista e mulher, cada vez mais dedicada, para atender minhas necessidades e as dos alunos, pretendo verificar maneiras de estimulá-los ao processo artístico – pedagógico. Para tanto, de maneira cronológica, como em um livro de histórias, narro cada etapa de como ocorreram os acontecimentos neste período de estágio, e trago comentários e lembranças que surgiram de atravessamentos em cada momento experienciado.

Defendendo a ideia da valorização dos processos de cada indivíduo e as transformações derivadas dos mesmos. Relato como foram aplicadas as metodologias pedagógicas utilizadas e o desenvolvimento da criatividade dos alunos ao longo das aulas, assim como o estímulo aos processos de interação através do aprendizado do trabalho em coletivo promovendo a capacidade de relação entre as crianças. No final, deixo os planos de cada aula (exceto a oitava, em que ocorreu a apresentação de O Reizinho Mandão) como forma de elucidar este planejamento documentado com suas respectivas observações. A fim de trazer as referências pensadas para servirem de inspiração para o trabalho de mediação, além dos registros das percepções dos alunos em formato de desenho.

1. PRELÚDIO À REPRESENT(AÇÃO), DOCÊNCIA: EXPECTATIVA E MOTIV(AÇÃO)

Mais gratificante que fazer o que gosta, é descobrir que gosta de fazer o que se propôs! Felizmente aconteceu comigo. Em Pelotas – RS, o curso de Teatro está disponível como graduação apenas em licenciatura, o que gera pânico ou desgosto em boa parte dos calouros, que nunca pensaram em serem professores e procuram na universidade uma formação com mais ênfase prática artística. No caso da minha experiência mantive certo receio, juntamente a uma curiosidade instigada, até o momento de finalmente adentrar uma sala de aula propondo algo.

Além de diversas outras disciplinas, na graduação possuímos três pedagogias, e três práticas de estágio sucessivamente, cada qual com suas especificidades, sendo a *Pedagogia I*, focada em Jogo Dramático e Jogo Teatral; *Pedagogia II*, nas peças didáticas e Teatro Político de Bertold Brecht, além do Drama como Método de Ensino; e *Pedagogia III*, em experiências de Performance Art e Teatro do Oprimido de Augusto Boal. Uma bagagem repleta de conteúdos, oriundos de diversos lugares e contextos históricos, que permite um apanhado de diferentes abordagens metodológicas com os alunos nos estágios. Os estágios são enumerados em I Ensino Fundamental (ou Séries Iniciais, incluindo a pré-escola, como foi no meu caso), II Ensino Médio e III na/em comunidade. E é a este primeiro que resolvi me ater, contando como foi esta vivência, e o quanto de imediato já me transformou e cativou imensamente.

Abaixo transcrevo o primeiro exercício de aula que tive durante a disciplina de estágio. A professora escreveu estas duas questões na lousa, pediu que respondêssemos, e posteriormente, debatêssemos as respostas com os colegas. Sendo a primeira bem pessoal, relacionada às nossas expectativas e a segunda sobre os métodos pedagógicos que já havíamos estudado e teríamos disponíveis para aplicar durante as aulas, conforme desejássemos, sob orientação.

19/09/17

1) Eu professor de teatro: expectativas para o estágio I

Minhas expectativas baseiam-se e fundamentam-se principalmente em quebrar preconceitos, principalmente relacionados a eu mesma. Enfrentar medos e ultrapassar as dificuldades que estão por vir durante o processo da melhor maneira possível; esforçando-me para demonstrar minha capacidade de ensinar e aprender, usando a minha criatividade e conhecimento e instigar os alunos a descobrirem, a conhecer a arte e a expressar-se melhor.

2) Mapear as metodologias de ensino de teatro já trabalhadas por vocês.

Jogo Dramático, Jogo Teatral, Performance, Drama como Método de Ensino, Narração Dirigida e Contada, Professor Personagem, Teatro do Oprimido, View Points, Pedagogia do Espectador.

Devo confessar que realmente estava apreensiva por este primeiro grande desafio enquanto docente, principalmente tratando-se de dar aulas para crianças. Sou filha única, de uma família pequena, acostumada a participar de conversas de adultos desde cedo. Sempre tive afinidade com pessoas mais velhas, desta forma, cresci mantendo poucos amigos da minha idade. Meus pais sempre foram (e ainda são) meus melhores amigos.

Criei diversos delírios assustadores imaginando a probabilidade das crianças poderem não gostar de mim, ou me acharem chata, e isso perdurou por anos até me tornar adulta. Cheguei ao estágio com certo receio, de forma cautelosa, esperando poder agradar aos alunos. Felizmente o primeiro estágio foi em dupla, e a positividade e companheirismo que meu colega Thales me transmitiu, me gerou um forte otimismo de que sairia tudo bem, e assim foi.

Neste primeiro momento a insegurança me assustava, apesar de ter tido experiência como monitora de *kung fu*, auxiliando meu professor com os novos alunos (muitos deles com idade entre seis e doze anos), um tempo antes de entrar na faculdade. Ao ingressar no curso, nos primeiros semestres visitei escolas participando de projetos e disciplinas que me permitiam ministrar aulas, e realizar oficinas e jogos teatrais, e todos terem me trazido uma grande satisfação.

Era tudo muito novo. O início de diversas transições, dentre elas, também o primeiro emprego, no comércio, onde a carga horária era muito cansativa. Os minutos eram contados e eu já realizava uma tarefa planejando como seria a outra. Acordava cedo todos os dias, sendo dois deles destinados ao estágio, dos quais ao término eu já corria para a loja, comia rapidamente e me preparava para a jornada. Jornada esta que, ao terminar por volta das 19h30min me fazia diversas vezes chorar ao perceber que chegaria uma hora atrasada ao encontro na faculdade.

Os professores sempre foram compreensivos, e por sorte, meus superiores do serviço também, os horários eram ajustados o máximo possível para que eu pudesse conciliar todas as atividades. Porém meu senso de autocrítica me desestabilizava por completo, de maneira que sem que ninguém criticasse minhas realizações eu mesma tratava de encontrar defeitos e muitas coisas a melhorar e corrigir. Neste sentido, foi um momento pessoal de alterações difícil de lidar. Mas, naturalmente, como ocorre com a maioria das pessoas, tive que fazer escolhas.

Tudo em mim sempre foi muito intenso, tanto a dor quanto o amor, e durante este período não foi diferente. Como ao longo de toda graduação, fui me deixando cativar, e me redescobri nesta vivência. Superei devaneios causados pelas minhas próprias inseguranças, e permiti um reencontro permanente com minha criança interior, e um lindo encontro com os alunos, algo que foi extremamente gratificante e que me deixou várias lições, principalmente sobre reconhecimento, reciprocidade e afeto. Trago assim um primeiro olhar, a primeira vista deste universo encantado.

Como fui transitando de espectadora, observadora do local e de todos, para atuadora e professora efetivamente. Fui me inserindo aos poucos, trocando olhares e sorrisos, até chegar à escola e receber abraços e até um grito alegre “- Professora Veroniquinha”, fazendo meu pai, que havia me dado carona, cair na gargalhada, e tocou profundamente meu coração.

2. MÁGICA DA OBSERV(AÇÃO)

Refletindo a partir de um viés mais estético, de modo, sobretudo sinestésico sobre o estágio desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Infantil Ruth Blank, localizada no centro da cidade de Pelotas/RS¹, pude observar a tradição da escola em realizar apresentações de espetáculos infantis encenadas pelos alunos. No final de 2017 foi elaborado e apresentado o espetáculo *O Mágico de Oz*, sob responsabilidade da professora de música. A encenação foi apresentada por alunos do Pré 1 e Pré 2 no salão da Igreja São João e em outras duas escolas.

Não tive oportunidade de assistir a apresentação, porém, desde o primeiro contato que tive com a escola (que mostrou-se totalmente aberta, recebendo-me de maneira carinhosa, assim como aos alunos, sempre recepcionados com um bom dia, e algumas vezes com abraços), concentrei-me em observar cada detalhe da sala, da turma, da organização da professora, da organização da escola, dos horários das refeições, recreio e anseios individuais de cada aluno.

O educandário, que virou notícia por completar mais de 54 anos de existência, conta com cerca de 120 alunos. Localizado no Parque Dom Antônio Zattera, 221, tem como diretora a professora Márcia Vetromille; coordenadora Marge Peixoto; orientadora Mara Zaffalon; professora de arte, Ana Beatriz Borba; professora de música, Janine Brod; e também Rafaela Ourique, Marlene Amorim, Lisiane Matos e auxiliares Simone, Aida e Fernando.

A escola possui um clima agradável, a cor azul predomina no ambiente, através das paredes externas. Pude notar também brinquedos plásticos grandes e coloridos, ao lado direito: um escorregador, cavalinhos para balançar, cestas de basquete, uma trave de gol, entre outros, além de diversos bancos. Do outro lado, uma minicozinha de madeira para brincar, perto da secretaria. Alguns quadros com bonitas pinturas, e cubos coloridos pendurados no teto, todos feitos pelos alunos.

Na parte interna, as salas de aula são equipadas com mesas e cadeiras no tamanho ideal para crianças, mesa e cadeiras para professor(a). Mochilário, armários, brinquedos em geral (alguns ainda construídos pelos próprios alunos),

¹ Anteriormente a instituição chamava-se Escolinha Municipal de Arte de Pelotas, pois desde sua implementação possibilita aos educandos o acesso e a interação às diversas manifestações culturais, mediando e incentivando os pequenos o gosto pelo teatro, literatura, música e artes visuais. Bem como estimulando o desenvolvimento da percepção, da imaginação, da sensibilidade, do conhecimento e da produção artística, proporcionando aos educadores da escola infantil experiências interdisciplinares no campo da arte e da infância.

lousa, materiais de artes visuais, como lápis de cor e canetas hidrocor, giz de cera, mural, e também banheiro próprio da sala.

Desde a primeira observação meu colega Thales Duarte e eu fomos recepcionados pela professora que cumprimentou-nos sorridente. As crianças, percebendo que as observávamos, estranharam um pouco. Aos poucos com as solicitações da professora participamos das atividades, junto a eles. Rapidamente nos apresentamos uns aos outros, e sentimos um entrosamento quase imediato, que veio a permanecer nos momentos seguintes.

Através deste primeiro contato com a turma foi possível perceber o quanto eram ativos e enérgicos logo pela manhã, ao contrário do que havíamos imaginado. Observamos que a professora regente da turma reservava alguns minutos iniciais da aula para que as crianças brincassem livremente pela sala, a fim de utilizar essa energia que carregavam consigo. Pode-se dizer que era uma “estratégia”, pois logo após esse tempo ela iniciava com uma roda de conversa, questionando-os sobre o dia anterior.

A partir desta observação inicial pensamos o projeto *Imagin(arte)*², que consistiu no desenvolvimento de narrativas, utilizando os jogos teatrais e dramáticos como “pré-texto” mergulhando, assim, no universo da linguagem teatral. O objetivo do projeto foi de proporcionar a vivência de jogos e situações dramáticas por meio de práticas propostas no *Jogo Dramático Infantil*, de Peter Slade (1978), bem como desenvolver a “linguagem teatral no universo da educação infantil, para que a criança se aproprie dela como mais um recurso lúdico” (SOUZA, p. 9, 2008).

Observamos que a turma teve grande potencial para os exercícios de aquecimento, para os jogos e criação de narrativas. E certa curiosidade sobre o que seria ministrado em cada aula. Acredito ser de grande importância o momento desta vivência que tive, por possibilitar uma experiência enquanto docente de Teatro, assim como ser mediadora teatral no ambiente escolar, em tentar proporcionar aos educandos um melhor acesso à leitura, recepção e fazer teatral. A seguir, exponho mais algumas impressões sobre a personalidade da turma e como nosso trabalho foi se construindo.

² Esta palavra se deu da união poética das palavras: Imaginação e Arte.

3. O TEATRO (SAI DA TOCA): RECONHECENDO A LINGUAGEM TEATRAL EM FORM(AÇÃO)

Ao finalmente iniciarmos a regência das aulas como professores de teatro, em nossa primeira aula, logo no primeiro contato, foi possível perceber que grande parte dos alunos não conhecia ou não sabia definir o que era o teatro; tampouco posicionar-se em relação ao “o que é arte?”. A partir dos relatos dos mesmos, pôde-se constatar que a maioria possuía como referência o uso de fantoches e poucos mencionaram as peças teatrais que haviam apresentado meses antes, como é de costume na escola. Embora houvesse pouca familiarização com o teatro, houve receptividade por parte da turma e da professora titular, pois havia expectativa de que as aulas de teatro pudessem contribuir e auxiliar os alunos com relação ao espetáculo que estavam participando: *O Mágico de Oz*.

Na primeira aula, para obter uma noção da ideia dos alunos com relação ao que seria trabalhado ao longo do período de estágio, foi criada uma rotina mais particular das aulas. A rotina iniciava com um momento de descontração, em que poderiam brincar do que desejassem, com os brinquedos que preferissem, sob o cuidado dos professores. Considero este momento importante no dia-a-dia com os alunos. Como ressalta a professora Vera Lúcia Bertoni dos Santos:

é importante que se disponha, na rotina da educação infantil, de períodos de tempo em que as crianças possam brincar livremente, num espaço adequado, de modo a possibilitar a interação (tomadas de decisão e resolução de conflitos que possam surgir) entre elas na brincadeira. [...] Entretanto, essa liberdade, essencial ao desenvolvimento das relações entre as crianças, não pode ser confundida com abandono: a presença do professor é fundamental para mediar as relações entre elas e sugerir formas de enriquecer a brincadeira simbólica, contornando situações que acarretem risco à integridade física e a liberdade individual, em proveito do desenvolvimento saudável e prazeroso das crianças (SANTOS, 2002, p. 115).

Então iniciamos o que tornou-se um ritual no começo e fim das aulas: a roda de conversa. Nela, nos apresentamos com um jogo de interação, em que cada um deveria falar sobre o colega ao lado, dizendo seu nome e algo que acreditasse ser positivo nele. E assim, informamos que seríamos os professores de teatro, e

procuramos iniciar uma análise sobre a percepção deles com relação ao assunto e a arte em geral.

Porém, ao questioná-los sobre o que é teatro, surgiram respostas em que quase por unanimidade consideravam ser relacionado apenas a fantoche, algumas de suas falas foram: “Botar bonequinho pra falar”; “Coisinha de Fantoche”; “Pegar o fantoche e apresentar”; “...Usando boneco”; “Tipo imitar o desenho e colocar uma fantasia”; “Pegar uma roupa e fazer a roupa do boneco e fazer o personagem”; “Massinha”; “Fantoche, as boquinhas deles”.

E ao perguntar o que é arte, a afirmação de quase todos tinha ligação com um pintor, ou seja, os artistas são pintores, portanto: “É o pintor que desenha várias coisas”; “[...] Pinta os lugares que são bonitos”; “Pintam os lugares que existem em Torre Eiffel - Paris”; “O nome deles é professor de arte”; “Arte é pintura”; “Fazer bonecos”. Na escola tem-se o costume de apresentar uma peça a cada final de ano; em 2017 o tema escolhido foi *O Mágico de Oz*.

Porém, pôde-se perceber o quanto a proposta é um pouco falha em relação ao encontro da linguagem principalmente teatral com os alunos, por não haver uma abordagem pedagógica mais engajada em transmitir os significados do que é personagem, figurino, e cenário, por exemplo. Havia muita divergência de respostas quando até mesmo a professora titular da turma comentava com as crianças sobre seus respectivos personagens, dos quais eles não recordavam, muitas vezes nem mesmo seu próprio papel na peça, e entravam em contradição ao responder se já haviam feito e/ou assistido ao teatro antes.

Pareciam pouco identificados com seus papéis, pois visivelmente não os escolhiam, e sim as professoras, portanto soubemos de remessas de Espantalhos e Dorothys, por exemplo. Mais uma vez pôde-se entender que parte da comunidade escolar ainda considera as aulas e a profissão do professor de teatro como uma forma de criar “pecinhas”. “Pecinha é a vovozinha” como diz Dib Carneiro Neto (2003), autor que destaca “os dez pecados mais comuns cometidos nos palcos de teatro infantil”.

A criança é um ser humano, capaz de atribuir sentidos e fazer conexões próprias, para tanto a arte é, e deve ser livre, ou seja, deve que deixar espaço para a

construção livre de sentidos tanto das crianças como do espectador, seja ele adulto ou criança. É preciso evidenciar que como diz Taís Ferreira³:

Praticar jogos teatrais, fazer teatro por meio do jogo e não, necessariamente, do texto dramático, exercitar processos criativos por meio de atividades dramáticas pode ser muito mais produtivo do que o 'teatrinho' em que as crianças representam, têm 'papéis' e são 'dirigidas' pelos professores (2012, p. 11).

Percebemos a grande necessidade de mostrar que qualquer um pode ser artista; apresentar e estabelecer relação de palco x plateia; estimular o trabalho coletivo. Passamos então a uma tentativa de desassociar um pouco o teatro do pensamento de espetacularização unicamente, diante de “uma permanente busca de superação dos preconceitos e das limitações impostas pela estrutura do sistema escolar” (SANTOS, 2002, p. 115).

Fomos introduzindo os Jogos Teatrais como meio de criação através da improvisação, os Jogos Dramáticos para que vivenciassem entre si a relação de palco e plateia, além de trabalhar os fundamentos básicos da linguagem teatral realizando ligações com estas apresentações que faziam com as outras professoras.

Pelas rodas de conversa ficava claro o quanto era enraizado no pensamento das crianças de que, a arte estava ligada apenas às artes visuais. Mesmo solicitando diversas vezes que fizessem desenhos para captar um registro dos resultados obtidos com as reflexões das vivências de aula procuramos incessantemente mostrar outras direções e caminhos a seres percorridos por eles.

Sendo assim, o desejo foi de promover o ensino de teatro na escola, reafirmando que, para configurar-se, é necessário que a prática pedagógica seja feita com atenção e avaliação. Baseada em parâmetros, com qualidade, contribuindo, portanto para a sobrevivência e intensificando a inserção desta linguagem na escola independente do contexto.

³ Professora, pesquisadora e escritora com ênfase na linha de pedagogias das artes cênicas, formação de pedagogas, formação de professores/as de teatro, recepção teatral, teatro e infâncias e história do teatro.

Assim, foi pensado o projeto intitulado *Imagin(arte)*, junto a meu colega Thales Duarte, acreditando na valorização dos processos criativos em teatro, na relação de ensino-aprendizagem, na Abordagem Triangular (proposta por Ana Mae) e no RCNEI. Adiante exemplifico algumas das atividades realizadas e a forma que ocorreram, sofrendo livres adaptações e alterações conforme as necessidades de cada momento.

4. ADENTRANDO AO MUNDO DA IMAGIN(AÇÃO)

As crianças inicialmente possuíam um tempo para brincar espontaneamente enquanto a aula era preparada, e o espaço era organizado, permitindo assim, que elas pudessem interagir entre si, com os objetos e brinquedos de forma espontânea. Esta parte da atividade é importante porque proporciona momentos em que a imaginação se une à liberdade de criação, intensificando relações, de maneira supervisionada, como salienta Vera Lúcia Bertoni dos Santos, no capítulo *Promovendo o Desenvolvimento do Faz de conta na Educação Infantil* (2002). Após, eram conduzidas para uma roda de conversa, onde compartilhavam suas realizações na aula do dia anterior, relembavam nossas últimas aulas e sobre sua semana, durante estes momentos sempre ressaltávamos a importância de ouvir uns aos outros, atentos às novidades trazidas por todos.

Ainda havia um momento de aquecimento, no qual eram utilizadas algumas músicas para trabalhar a expressão corporal, na tentativa de incluir alunos que em um primeiro instante não se sentiam convidados a participar da atividade. Este método passou a funcionar muito bem, tornando-se parte de um “ritual”, em que eles mesmos pediam para dançar, com isto desenvolviam também a expressão vocal, cantando juntos, além do foco e atenção com a coreografia. Estes momentos resultaram na adição da brincadeira “Dança das Cadeiras”⁴, que, por diversas vezes, sucedeu positivamente proporcionando uma notória alegria para os pequenos.

Diversos jogos teatrais foram realizados, buscando ampliar principalmente a interação e senso de coletividade, essenciais para o processo de criação e improvisação, uma vez que se percebeu ser uma das maiores necessidades a serem desenvolvidas na turma. Sobre os Jogos de Viola Spolin, Taís Ferreira (2012, p. 25) ressalta que aprende-se com o outro na diferença, na relação com o outro e não somente consigo mesmo.

⁴ Como foi dito, havia uma boa quantia de materiais disponíveis para serem utilizados com muita criatividade. Na sala de aula descobrimos um porta CDs com diversas músicas infantis, das quais foi possível aproveitar para as brincadeiras. E qual não foi minha surpresa ao encontrar músicas do Dinossauro Barney e seus Amigos, o qual sempre que ouço ou assisto os episódios desperta minha criança interior... Foi diversão mútua!

Os jogos eram realizados tanto em sala de aula quanto no pátio da escola, sofrendo pequenas adaptações quando necessário. Por meio das histórias criadas com os estímulos, os alunos tiveram a percepção da relação palco x plateia.



Figura 1: Jogos de improvisação. Fonte: Acervo pessoal.

Em algumas aulas foram abordadas questões referentes aos fundamentos básicos da linguagem teatral, contextualizando os significados de personagem, figurino e cenário, por exemplo. Desta forma, deu-se início a um processo de mediação⁵, no qual foi introduzida aos poucos a notícia de que iriam assistir a uma peça de teatro em uma das aulas. Foram avisados também que, nesta peça haveria personagens como um Rei, um Sapo, um Papagaio e uma Menina.

Perguntamos como imaginavam que seria cada um desses personagens, física e moralmente; e aos poucos eles se arriscavam a alguns palpites. Através de Jogos Teatrais e Dramáticos fomos trabalhando a temática. Adaptamos exercícios como o da “Galinha Perdida” para o personagem do Reizinho. Outra brincadeira que também foi adaptada para o universo da obra foi “Coelhinho Sai da Toca” (em que bambolês de várias cores foram dispostos pela sala de aula, servindo como demarcação cênica para representar as tocas, e eles adoravam). Esta se tornou “Reizinho Sai da Toca”, sempre desenvolvendo improvisações com os alunos, que criavam um jeito de caminhar, e se comportar como Rei, como Sapo, etc., construindo narrativas, e criando desenhos partindo de seus imaginários.

O jogo dramático foi desenvolvido a partir dos jogos teatrais, com a utilização de objetos, figuras e narrativas de histórias para dar continuidade nas improvisações. Foram aplicados jogos que partiam de estímulos com os alunos, que caminhavam pelo espaço da sala de aula. Local em que foram espalhados alguns brinquedos (personagens de desenho), e sob as propostas dos professores eles improvisavam situações em que sentiam frio, calor, e percorriam um ambiente de chuva e lama.

Contamos uma história de uma Galinha que havia sumido, e eles deveriam passar por todas essas situações e encontrar os personagens ao longo do caminho (exemplo: Lindinha das Meninas Super Poderosas, Batman, Moranguinho, Shake, etc.) e interagir com esses personagens, perguntando a eles se sabiam do paradeiro da Galinha. Através dessa atividade eles eram capazes de transformar as palavras em ações. Como evidencia Vera Lúcia Bertoni, quando diz que através da “evocação do objeto ausente mediante um significante que o torna presente, ocorre o nascimento da representação” (SANTOS, 2002, p. 74). Assim, mediante a

⁵ Com a ida de meu colega na disciplina de estágio, Carlos Eduardo Pérola à escola com a apresentação de *O Reizinho Mandão*.

imaginação, utilizavam da ludicidade para criar relatos em grupos de onde a Galinha poderia estar dando vida aos personagens.

No final do exercício, sentamos em uma roda e recriamos a brincadeira do “Telefone Sem Fio”⁶, com suas narrativas a respeito do desfecho da história. O mesmo exercício foi adaptado outras vezes, funcionando muito bem, demonstrando a criatividade e espontaneidade dos alunos.



Figura 2: Brincadeira do Zoológico. Fonte: Acervo pessoal.

⁶ Conhecida popularmente por estimular a memória e atenção dos participantes. Uma pessoa conta algo baixinho no ouvido do jogador ao lado, de modo que os demais não possam descobrir o que foi dito.

Outro jogo de improvisação que realizamos com o intuito de trabalhar o universo lúdico infantil ocorreu no pátio. Isso porque o dia estava lindo e quase todos os alunos haviam comparecido à aula. Com esta proposta procuramos intensificar o contato entre as crianças, além de apresentar-lhes novas formas de interação no espaço de jogo, através do contato também com o ambiente externo.⁷

Os alunos foram divididos em pequenos grupos, cada grupo representava um animal. As crianças deveriam fugir do caçador, imitar os animais correspondentes, e no final criar histórias através de jogos dramáticos. Assim tiveram a percepção da relação palco x plateia, e da importância de executar e de observar uns aos outros, podendo, desta forma, utilizar sua criatividade, como fez Ai⁸, uma aluna divertida e de muita personalidade, que demonstrava em muitas atividades uma paixão por lobo. Dessa forma, tanto nas brincadeiras de dramatização em que se agrupavam para imitar os animais, quanto nos jogos relacionados aos personagens da história do Reizinho Mandão, optamos por incluir o Lobo, logicamente desempenhado pela Ai.

Outra aluna não se agradando muito da ideia de pertencer algum dos grupos já formados, sugeriu-nos ser o Guarda Florestal na brincadeira do Zoológico, de maneira que pudesse revisar se estavam todos cumprindo os comandos do jogo, e claro, incentivamos sua proposta com o intuito de incluí-la na prática.

Segundo Taís Ferreira:

Momentos de dramatização livres, em que as crianças, a partir de alguns estímulos [...] possam dramatizar, assumindo papéis e se relacionando com os outros colegas-personagens, são salutares e estimulantes, principalmente na infância, quando o jogo de regras complexo ainda é de difícil compreensão aos pequenos (2012, p. 22).

⁷ No que torna um espaço teatral são as ações empreendidas nele: o teatro se dá em um espaço simbólico que é construído pela ação dos atores-jogadores, daqueles que participam do jogo teatral. Dessa forma, a sala de aula pode se transformar em um espaço de jogo, em um espaço-tempo de criação teatral, onde a imaginação, o corpo e a ação dos alunos estejam integrados na construção de novos saberes e competências expressivas (FERREIRA, 2012, p.11).

⁸ Os nomes das crianças foram preservados – conforme preceitos éticos – e cada uma será identificada por duas letras: uma consoante e uma vogal, no corpo do texto e em citações.

Ainda sobre esses exercícios práticos, que fortalecem o vínculo entre todos participantes, concordo com o pensamento de Vera Lúcia Bertoni dos Santos ao dizer que;

esses momentos de acompanhamento criterioso dos jogos das crianças constituem, também, ocasião importante para que o professor conheça melhor o grupo e estabeleça com ele vínculos afetivos e relações de confiança, sendo, inclusive, convidado a desempenhar papéis nas brincadeiras (atuando como coadjuvante nas dramatizações das crianças) ou a participar com a função de espectador nas representações mais teatralizadas (que solicitam a existência de uma platéia) (SANTOS, 2002, p. 115-116).

Com isso, busco romper com o método tradicional de ensino pedagógico, no qual o professor desde sua formação acostuma-se a compor uma postura basicamente de líder das atividades. Sendo assim portando-se mais como espectador do que participante ativo junto aos alunos, o que não menciono apenas como uma crítica, mas sim uma importante observação a ser apontada.

E se o professor pensar novas maneiras de atuar em sala de aula, como encarnando um personagem, por exemplo? Ou trazendo a apreciação de uma obra artística ao cotidiano do aluno, propondo reflexões sobre suas impressões?

Por fim, descrevo acontecimentos criativos como esses para o desenvolvimento da aprendizagem, bem como minhas impressões acerca deles.

5. ERA UMA VEZ UM REIZINHO MANDÃO... SEM EDUC(AÇÃO)

O *Reizinho Mandão*, de Ruth Rocha⁹, de forma divertida relata um período histórico. O livro trata da história de um menino rico, que chega ao poder do trono com a morte de seu pai, mas com a falta de maturidade que possui passa a criar leis absurdas a seu bel prazer. Leis como “Fica terminantemente proibido cortar a unha do dedão do pé direito em noite de lua cheia”. O reizinho tem um papagaio de estimação que escuta ele gritar “Cala boca!”, e repete a frase diversas vezes. Com essas mudanças ridículas e opressivas nas leis, e ouvindo as ordens arbitrárias do reizinho, a população triste e revoltada passa a se calar e se esquece como falar.

Sentindo falta da alegria que havia no reino o menino vai buscar a ajuda de um sábio, que critica suas atitudes e explica que tudo só voltará a ser como antes, quando: Ele encontrar a última criança que ainda saiba falar. A busca é enorme até o garoto encontrar uma menininha. A criança, primeiro reluta, calada, até que de tão nervosa ao ouvir do papagaio a expressão “Cala a boca!”, responde “Cala a boca já morreu, quem manda na minha boca sou eu”. Com isso, todos reaprendem a falar e cantar; e o reino volta a ser feliz. O reizinho apavorado foge do lugar.

Carlos Eduardo Pérola levou ao colegiado do curso de Teatro – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas uma proposta inédita para cursar as disciplinas de estágio, levando aos alunos uma aula-espetáculo, no formato de uma contação de histórias, construída a partir do livro *O Reizinho Mandão* de Ruth Rocha.

Abordando o tema do autoritarismo, contraditoriamente, de forma leve e engraçada, Carlos em sua primeira experiência com teatro infantil e com a direção de Adriano Moraes. Constrói brilhantemente uma atmosfera mágica, com a narração sempre presente, através da figura do personagem desenvolvido pelos dois, chamado de Valentim Euzébio Anastácio Gumerindo Elefundis de Mendonça e Castro de Albuquerque de Alcântara do Espírito Santo Y Bourbon.

Este vestia uma camiseta branca, colete marrom, e calça preta. Com os pés descalços, carregava uma caixinha de música que auxiliava na concentração das

⁹ Ruth Machado Lousada Rocha, membro da Academia Paulista de Letras desde 2007, formada em sociologia política, é uma escritora brasileira de livros infantis, e escreveu *O Reizinho Mandão*, publicado pela primeira vez em 1985, em meio ao cenário caótico instaurado de plena ditadura civil militar. Segundo Valéria Dias da Agência USP de Notícias, um “estudo comparativo de livros infantis escritos pela brasileira Ruth Rocha e pelo português José Cardoso Pires mostra que ambos conseguiram representar, nas obras analisadas, a realidade social e política de Brasil e de Portugal em períodos ditatoriais dos dois países. Isso ocorreu sem a perda do aspecto lúdico encontrado em livros escritos para o público infantil”.

crianças e uma maleta com um sapo de louça dentro dela. O sapo é apresentado desde o início por Valentim como sendo o próprio Reizinho, e assim a história toda começa.



Figura 3: Apresentação de *O Reizinho Mandão*. Fonte: Acervo pessoal.

Carlos Eduardo Pérola apresenta-se para o público como ator, dizendo seu nome, e explica que utilizando a figura de Valentim contará uma história. Isto auxilia muito em uma maior compreensão das crianças e esclarecimento sobre a relação ator x personagem, palco x plateia, entre outros elementos da linguagem teatral, anteriormente citados por Thales e por mim durante as aulas, facilitando assim, um processo de mediação. O processo de mediação, para Ingrid Koudela, “no âmbito de projetos que visam à formação de público, é toda e qualquer iniciativa que viabilize o acesso dos espectadores ao teatro. O primeiro aspecto a ser considerado é o acesso físico” (2010, p. 4).

O acesso físico neste caso foi a utilização da própria sala de aula, visto que

a escola apresenta-se, neste panorama, como a principal mediação entre as crianças e o teatro, já que é nas instituições de ensino que a maior parte das crianças tem seus primeiros e/ou únicos contatos com o fazer teatral e com a apreciação de espetáculos (FERREIRA, 2012, p. 55).

Mesmo com a escolha da utilização de poucos recursos, os alunos puderam entender que para que ocorra uma apresentação de teatro não é necessária somente a presença de um palco italiano. Segundo Taís Ferreira, “as práticas teatrais podem acontecer em diversos espaços, sendo que o palco é só mais um espaço para a existência do teatro e não o único” (p. 11), como discutimos nas primeiras aulas. Além do espaço físico, para Ingrid Koudela é importante também o acesso aos bens simbólicos, pois se almeja inserir o espectador na história da cultura.

Ingrid enfatiza a necessidade de rodas de conversa antes desta “ida ao teatro” (neste caso como preparação para a recepção do teatro na própria escola), como do mesmo modo ocorreu desde o início das aulas. Além de um planejamento, inclusive do próprio professor, em conhecer bem o que mostrará para os alunos, quanto dos dois métodos distintos de encaminhamento para a ida ao teatro: o método discursivo e o método apresentativo, que podem ser combinados.

De forma ainda mais minuciosa, Ingrid Koudela explica a diferença entre o método discurso e o método apresentativo: “o método discursivo aposta principalmente na mediação de informações (palestras introdutórias, documentos em forma de textos) e na troca verbal de opiniões (debates). Ele visa principalmente ao conhecimento cognitivo e racional” (2010, p. 16). Enquanto que

o método apresentativo utiliza técnicas criativas e lúdicas na preparação para a visita ao teatro e leitura do espetáculo após a volta à escola, como jogos, desenhos e rodas de conversa, através das quais os alunos contam a sua experiência sensível. Visa primordialmente à compreensão associativa e emocional (*idem*).

Assim como Koudela, acredito que, a combinação das duas abordagens metodológicas permite que o aluno espectador se ocupe intensivamente e com todos os sentidos na sua relação com o evento espetacular. “Tornando-se capaz de

refletir sobre a experiência sensível” (*idem*). Por isso, todo o plano de ensino foi detalhadamente pensado com a ideia de inserção dessas abordagens de mediação, visando uma ampla reflexão a partir dos primeiros momentos de aula, até os últimos minutos, através de atividades e metodologias que adiante serão explicadas com mais detalhes.

É imprescindível que o processo seja desenvolvido antes, durante e depois do espetáculo, promovendo-o para além do campo unicamente imaginário e/ou mental. Conhecer bem os alunos, questionar suas percepções, apreensões de significados, dúvidas e anseios torna-se fundamental para uma fruição mais completa do todo. Estar atento enquanto professor ao papel de cada um em cada momento, estimular a participação dos pequenos, aguçar seus sentidos, propor desafios, e perceber o comportamento principalmente durante o acontecimento teatral resulta em uma análise mais profunda do alcance dos objetivos propostos.

Como sugere Koudela, utilizei o recurso lúdico do desenho como forma de registro, solicitando às crianças que pensassem nos personagens solicitados (os que apareceriam na peça que estavam prestes a assistir), para estimular sua imaginação antes mesmo do acontecimento. Depois de assistirem a peça solicitei novos desenhos. Foi impressionante perceber a riqueza de detalhes de cada um, alguns com paisagens, lugares e coisas que nem haviam sido mencionadas durante a história que lhes foi contada.

Contação esta (que ocorreu na oitava aula), em que a cena foi bem organizada, de modo que o ator tivesse trinta minutos para preparar-se e aquecer-se. Ele utilizou um tapete para delimitar o espaço cênico, as cadeirinhas foram dispostas ao seu redor para que os alunos assistissem a apresentação e a professora titular Rafaela Ourique assistiu de sua cadeira à direita da sala de aula.

Houve variação de ritmo com momentos mais calmos, mais acelerados, de gritos, euforia tanto da parte dos personagens interpretados por Carlos (Valentim, o Sapo, o Reizinho, o Papagaio, o Sábio, a Menininha), quanto pelos espectadores.

Juliana Camargo Mariano destaca a relevância da contação de histórias: “o contador cria um elo entre o ouvinte e a narrativa, fazendo com que a última preserve a essência de verdade em seu discurso e assim perdure no tempo. Ele é responsável em colaborar na formação da personalidade do ouvinte e ainda diverti-lo” (*apud* DIAS, 2013)

O contar de histórias tornou-se um recurso ainda mais potente na atualidade globalizada, tecnológica e pandêmica que surgiu diante de nossos olhos, da qual voltarei a comentar. Além de, por fim, mencionar o que concluí deste belo caminho percorrido, um pouco de minhas apreensões e satisfações em meio a tantos sentimentos e conhecimentos adquiridos.



Figura 4: As crianças assistindo à peça. Fonte: Acervo pessoal de Carlos Eduardo Pérola.

6. O TRAJETO É TÃO IMPORTANTE QUANTO A LINHA DE CHEGADA

6.1. Infância, arte e educação em tempos de pandemia.

Como compreender e aceitar que atualmente um abraço pode salvar ou matar alguém?

Chegamos aqui. Não poderia simplesmente fingir que durante o desenvolvimento deste trabalho a pandemia simplesmente não surgiu como um caos na vida de todos, deixando-a passar despercebida. Pergunto-me então como deve estar sendo não só para esta turma, mas para as crianças no geral, conviver com a ameaça desesperadora da presença deste COVID-19 (coronavírus).

Somos obrigados a limitar o contato físico nesta fase que é tão importante ser e se sentir amado, que antecede a formação da nossa personalidade e o desenvolvimento de características principalmente emocionais, ligadas ao equilíbrio e autocontrole físico, motor, emocional. Como fortalecer essas questões? Ter a oportunidade de Intensificar o vínculo com a família e o que isso pode ocasionar positiva e negativamente na vida da criança e no cuidado dos pais ou responsáveis? Como estimular os pequenos dividindo a responsabilidade pelo aprendizado entre o lar e a escola sem culpabilizar um ou outro? Como confiar os filhos ao retorno antecipado ao perigo da contaminação?

Ao longo da quarentena, preocupada com o futuro da educação, colocando-me no papel que ocupo, de estudante, professora em formação e pesquisadora na área da arte e educação. Minha maior preocupação era em como transformar o período indeterminado da quarentena em algo produtivo, enquanto artista, como promover meu trabalho, enviar propostas de apresentações online para concursos, oferecer e receber materiais lúdicos e possíveis de se realizar em casa.

Em uma de minhas buscas sobre arte e educação encontrei um artigo de Boaventura de Sousa Santos (2020) sobre a universidade pós-pandêmica, citando os ataques à universidade pública, que precedem a pandemia. Passei a perceber que, a real angústia que me assola é como manter a nossa luta. Foi então que percebi o óbvio, o quanto tudo isso vem acontecendo e apenas tornou-se mais notório neste momento de reclusão em que permanecemos em nossas casas enquanto uma parcela dos gestores públicos ligados à educação prepara táticas ideológicas para derrubar a autonomia das universidades.

Além disso, o despreço com a educação é tal que em um ano e meio de governo tivemos quatro trocas de ministros da educação, sendo o atual ligado a uma

ala extremamente conservadora. Tudo vem ocorrendo através de protótipos escolares instaurados décadas atrás com sistemas de padronizações, de modo que as ações gerenciais são apresentadas como solução, sem levar em conta problemas de larga escala e urgentes que incluem políticas para o magistério e a licenciatura. E o problema se agrava ainda mais no Rio Grande do Sul, com o parcelamento dos salários dos professores da rede estadual.

Relacionando à arte e educação, a posição do Ministério da Educação tem sido construída por meio de discursos alimentados por uma ideologia que se coloca contra nomes como Paulo Freire, desacreditando de teorias como a da horizontalidade, do diálogo, da mediação, e da luta pela quebra de opressões. Isso só reforça o quanto estamos perdendo os poucos direitos que vínhamos adquirindo, principalmente na área artística.

Partindo destas inquietações, gostaria inclusive de dar continuidade no estudo desta área educacional investigando como está sendo a relação do ensino das aulas de arte durante a pandemia, inclusive na Escola Ruth Blank, através de pesquisas na pós-graduação.

Em algumas *lives*¹⁰ que pude assistir, tive a oportunidade de acompanhar um pouco como vem sendo o ensino à distância de diversas matérias escolares e disciplinas, inclusive arte (as que assisti têm incluído mais a dança que o teatro em seus planejamentos). Até mesmo em escolas especiais, das quais foi instigante saber que há uma preparação para um trabalho acolhedor e integrador entre os professores e a família. Este fato busca facilitar o acesso a todos, mesmo os que não possuem internet em casa, por exemplo, e recebiam uma cartilha com atividades para serem entregues e recolhidas em datas específicas.

¹⁰ Transmissões ao vivo de aulas, palestras, projetos, apresentações artísticas, etc.

6.2. Como valorizar o processo de produção para além do produto da espetacularização?

Uma circunstância adversa que me angustiou durante um tempo foi a de saber que, os responsáveis pelos alunos deveriam se encarregar de providenciar as fantasias que as crianças usariam na peça *O Mágico de Oz*. Peça esta que vinha sendo trabalhada pelos outros professores na escola antes da nossa chegada. E uma menina da turma estava em uma situação econômica precária em que não poderia comprar este material, portanto ficaria de fora da apresentação.

Somente depois de algumas semanas consegui me tranquilizar quando obtive uma resposta de que sua participação estava garantida e a roupa seria confeccionada pela escola. Será que não é interessante que: se tratando de um aprendizado relacionado ao teatro se tenham mais aulas explicando que a roupa que se usa em uma apresentação é chamada de figurino, do que a exigência desta determinada roupa como requisito para participar das atividades?

Afortunadamente, sinto-me honrada ao lembrar detalhes do estágio em que pude perceber a efetividade da mediação, uma forma de formação de público, não somente com foco na peça que viram, mas também em suas reflexões e percepções uns com os outros. Dentre eles estão os desenhos e seus pormenores, com riquezas de especificidades de seus imaginários, que nem haviam sido descritos, como o castelo do Reizinho, feito de pedras, com uma linda ponte; e o Papagaio estar em cima de uma linda árvore Também, a querida Is, arrancou-me um sorriso e uma longa reflexão ao surpreender-me apontando para sua orelha e mostrando-me seus brincos de sapo, relacionando-os com o personagem da peça teatral.

Procurei levar esta ideia de união e estímulo da ludicidade e aplicá-la nas aulas através das brincadeiras e do desenvolvimento de exercícios que proporcionassem a descoberta de si mesmo no espaço, e a importância da relação com o outro ao compartilhar este mesmo espaço. Como em diversas explanações aqui realizadas, complemento minhas palavras com as de Taís Ferreira,¹¹ quando explica que: “Teatro é jogo, é troca entre humanos, entre espectadores e atores, entre atores e atores que jogam, encenam, brincam (seriamente) em cena. Tal como 'brincam seriamente' as crianças em seus momentos de faz de conta.” (2012. p.11).

¹¹ Que foi minha professora em uma das disciplinas de pedagogia do curso de Teatro, e me possibilitou um censo reflexivo, crítico e argumentativo latente.

Vale destacar que não vejo problema algum em criar e trabalhar alguma peça de teatro com os alunos. A questão é a participação efetiva dos mesmos¹². Proporcionar estímulos para a integração de todos, para que compreendam o que estão fazendo e o porquê, é tão interessante quanto à “obra pronta”.¹³

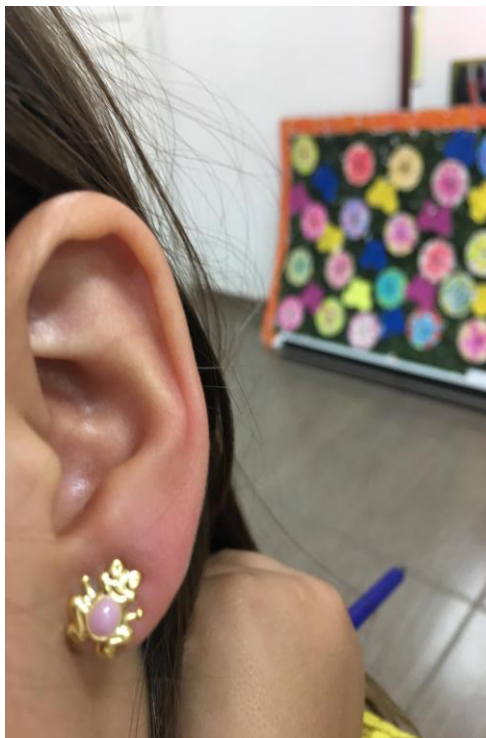


Imagem 5: Brinco da Is. Fonte: Arquivo pessoal.

¹² “Praticar jogos teatrais, fazer teatro por meio do jogo e não, necessariamente, do texto dramático, exercitar processos criativos por meio de atividades dramáticas pode ser muito mais produtivo do que o “teatrinho” em que as crianças representam, têm “papéis” e são “dirigidas” pelos professores” (*idem*. p. 11).

¹³ “É claro que, se houver o desejo das crianças de compartilhar o fruto e os resultados de seus processos criativos na forma de uma apresentação teatral, isso não deve ser tolhido e nem desestimulado. Mas é importante que haja a vontade de as crianças mostrarem seu trabalho aos colegas ou mesmo a pais, professores e comunidade, sem exibicionismo ou aparatos cênicos excessivos, mas incentivando a autoestima que pode ser propiciada por uma experiência em arte-educação bem conduzida, focada no crescimento e na aprendizagem dos alunos durante os processos de criação, e entendendo o produto espetacular como um momento específico desse processo e não como um objeto único e final das experiências teatrais em sala de aula” (*idem*.p.11,12).

6.3. A criação do sujeito sensível não é um valor?

Como foi dito pelos próprios alunos quando questionados sobre seu conceito de teatro, foi possível perceber que: Desde o início da construção de seus pensamentos, o senso comum que permeia o imaginário popular de que o teatro é basicamente representado por um palco¹⁴ italiano, de madeira, com cortinas vermelhas (como na época do Romantismo ou do teatro Elizabetano de William Shakespeare). E assim é com a maioria da população, com essa fixação na ideia do caráter de espetacularização da arte.

Para compreender um pouco essa obsessão é necessário refletir o papel da arte historicamente na sociedade. Nosso modelo educacional, enraizado em parâmetros iluministas trazem vestígios que não levam em conta a valorização de algo que não é totalmente do campo do lógico e racional.

A concepção de que, a arte não produz um conhecimento determinado, reconhecível, ou palpável, conseqüentemente gera um desprezo. De maneira que a construção e formação de um público mais crítico, reflexivo e sensível, não tem valor, no que diz respeito a si mesmo, ao outro, e aos tabus e espaços que rodeiam o sujeito ao permear sua caminhada moral e intelectual.

Desta forma, muitas vezes se vê a arte no universo infantil como bobagem, como se as crianças fossem incapazes de acessar o universo 'adulto', e não pudesse haver essa construção do saber. Parte-se do pressuposto de que deve-se deixar o conteúdo que promove reflexão de lado, porque a criança não teria condições de refletir sobre aspectos morais. Ela é subestimada e um caminho essencial em seu desenvolvimento pode ser bloqueado.

¹⁴ “As práticas teatrais podem acontecer em diversos espaços, sendo que o palco é só mais um espaço para a existencia do teatro e não o único.” (FERREIRA, 2012, p. 11).

UM COR(AÇÃO) CHEIO DE INSPIR(AÇÃO)

“O medo não é um meio de ensinar”

Hermann Hesse

Enfrentar os medos e permitir-se aprender e ensinar, buscando colocar em prática todos os anseios com relação ao que vem sendo tanto tempo trabalhado, lido, analisado e construído na formação como docente não é tarefa simples: Exige determinação para encarar as diversas realidades que cercam o ambiente escolar, mais especificamente no que diz respeito à arte-educação. Mergulhar no universo infantil, e viver uma relação de muitas trocas afetivas e intelectuais me surpreendeu significativamente a cada aula. Perceber transformações na concepção de ideias e costumes envolvendo ambas as partes trouxe uma sensação de dever cumprido e crescimento em todos os sentidos. Apesar de todas as dificuldades encontradas durante o caminho, o processo foi uma experiência enriquecedora, em que pude aprender que as conexões, tanto no campo de ensino aprendido como no pessoal são como uma dança. Onde nos preparamos para conduzir o tempo todo da melhor forma possível, no nosso ritmo, visando mudanças imediatas no que nos parece desalinhado. Até deparar-nos com o fato de que permitir-nos vez ou outra, ser conduzidos pelo outro pode ser uma lição de apreensão de significados, sentidos e interpretações engrandecedoras. Admitir falhas e contratempos internos e externos a nós torna-se um impulso e uma motivação para acreditar que não existe certo e errado quando procuramos exercer nossos papéis na busca de uma pedagogia instigante e gratificante para todos.

“A arte não ama os covardes”



Figura 6: Despedida da turma. Fonte: Arquivo pessoal.

REFERENCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil vol. 3.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

DIAS, Valéria. **Mesmo lúdicos, livros infantis criticaram ditadura, revela estudo da FFLCH.** Sociedade, USP Online Destaque, 2013. Disponível em: <<https://www5.usp.br/22040/pesquisa-da-fflch-mostra-como-livros-infantis-criticaram-ditadura-mantendo-aspecto-ludico/>> Acesso em: 10 julho, 2019.

FERREIRA, Taís. **Teatro e Dança Nos Anos Iniciais** / Taís Ferreira, Maria Fonseca Falkembach. - Porto Alegre: Mediação, 2012.

KOUDELA, Ingrid. **A ida ao Teatro. Sistema Cultura é currículo.** São Paulo. Disponível em: <<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/420090630140316A%20ida%20ao%20teatro.pdf>> Acessado em: 10 julho, 2019.

NETO, Dib Carneiro. **Pecinha é a Vovozinha!** São Paulo: DBA, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade pós-pandêmica** (2020) In: <https://wsimag.com/pt/cultura/62681-a-universidade-pos-pandemica>. Acesso: 03, julho, 2020.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. **Brincadeira e Conhecimento: do faz – de – conta à representação teatral.** Porto Alegre: Mediação, 2002.

SLADE, Peter. **O Jogo Dramático Infantil.** São Paulo: Summus, 1978.

SOUZA, Luiz Fernando de. **Um Palco para o Conto de Fadas: Uma Experiência com Crianças Pequenas.** Cadernos Educação Infantil – Porto Alegre: Editora Mediação, 2008.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro.** São Paulo: Perspectiva, 1987

_____. **Jogos Teatrais: O Fichário de Viola Spolin.** 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

UFPEL. Projeto Pedagógico: Curso de Teatro – Licenciatura. Pelotas, 2010.

APÊNDICES

Planos de aula:

PLANO DE AULA Nº 1 Data: 07/11/2017

1. Dados de Identificação:

Nomes dos licenciandos (as): Thales Duarte e Verônica Fernandes Diaz

Escola: E.M.E.I. Ruth Blank

Ano / Turma: Pré-2 B

Carga horária da aula: 2h/aula

Dia da semana / horário: Terça-feira, 8h as 10h

2. Objetivo Geral: Promover uma reflexão sobre o que é arte e teatro e a participação em jogos e brincadeiras tradicionais.

3. Objetivos Específicos: Desenvolver a percepção sobre teatro, estimular a atenção, a percepção espacial e participação e interação nos jogos.

4. Conteúdos:

A Linguagem Teatral;

Jogos de Regras;

5. Desenvolvimento da aula:

Roda de conversa sobre teatro para compreender o entendimento dos alunos sobre arte e teatro.

Aquecimento corporal com músicas.

Brincadeira “*Coelhinho sai da toca*”: o grupo todo ocupa lugares previamente marcados na área de jogo, as tocas, exceto um jogador que deve ficar no centro. O jogador que permanecer no centro é o coelhinho e, uma vez iniciado o jogo, deverá dizer: “- *Coelhinho sai da toca, 1,2,3.*” A este comando, todos os outros jogadores devem sair de suas tocas e ocupar uma outra qualquer.

Jogo “*Quem iniciou o movimento?*”. Objetivo: Tentar ocultar do jogador do centro quem inicia o movimento, ou seja, os jogadores permanecem em círculo; enquanto um sai da

sala, os outros escolhem alguém para ser o líder, que inicia o movimento, o jogador que saiu deve tentar adivinhar através da observação quem é o líder do grupo.

Avaliação: Criação de um desenho livre sobre teatro.

6. Referências:

SLADE, Peter. O jogo dramático infantil. São Paulo: Summus, 1978

SPOLIN, Viola. O jogo teatral no livro do diretor. São Paulo. Perspectiva, 1990

7. Observações após aula: Na discussão sobre o que é arte e teatro surgiram diversas opiniões ligadas as artes visuais e ao uso de fantoches. Outra questão foi a necessidade de público. No aquecimento todos participaram, pois a música *“Estátua”* instigou a prática. Nos jogos todos participaram também, pois muitos deles já conheciam as brincadeiras. A forma de avaliação utilizando um desenho livre fez com que eles expusessem o que era arte e teatro para eles, após a roda de conversa e jogos. Surgiram diversas interpretações através dos desenhos como: bonecos de fantoches, o jogo coelhinho sai da toca, palco com personagens, palco com equipamento de iluminação, além de cortinas, e também um artista visual desenhando outra pessoa.

PLANO DE AULA N° 02 Data: 09/11/2017

1. Dados de Identificação:

Nomes dos licenciandos (as): Thales Duarte e Verônica Fernandes Diaz

Escola: E.M.E.I. Ruth Blank

Ano / Turma: Pré-2 B

Carga horária da aula: 2h/aula

Dia da semana / horário: Quinta-feira, 8h as 10h

2. Objetivo Geral: Promover a participação e interação na criação de narrativas lúdicas.

3. Objetivos Específicos: Estimular a percepção espacial visual, espacial, a utilização de ritmos e velocidades e a imaginação.

4. Conteúdos:

Expressão Corporal;

Ritmos;

Velocidades;

5. Desenvolvimento da aula:

Roda de conversa sobre o que recordavam da aula anterior;

Aquecimento corporal com a música “*Estátua*” da Xuxa;

Exercício “*Ouvindo o ambiente*”. Objetivo: Ouvir o maior número de sons possível no ambiente. O grupo todo permanece sentado, silenciosamente, de olhos fechados, por um minuto ou mais, ouvindo os sons do ambiente. Os jogadores prestam atenção para os diferentes sons que há no ambiente.

Caminhada pelo espaço testando diferentes ritmos, velocidades e estimulando a percepção visual. (Neste dia foram espalhados diversos objetos como os personagens de outras histórias para dar suporte a criação de narrativas).

Narrativa da história “*A galinha desaparecida*”. Caminhando pelo espaço da sala os participantes receberão “pistas” sobre o paradeiro da galinha. Os personagens espalhados pela sala farão parte da história através da criação pelos participantes.

Cada um conta a história que criou sobre o final da galinha fazendo relação com os outros objetos.

6. Referências:

SPOLIN, Viola. Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008

<http://aulasteatroinfantil.com/a-galinha-desaparecida/> acesso: 05 de nov.

7. Observações após aula: Neste dia foram apenas cinco alunos. E as atividades propostas foram todas desenvolvidas. O estímulo a se relacionar com objetos como os personagens fez com que o jogo rendesse, cada um no final apresentou uma narrativa (bem distintas entre si) utilizando características de sons, espaços e relacionando com a narrativa que estimulava a caminhada. Alguns tinham dificuldades em variar ritmos e velocidade.

PLANO DE AULA N° 03 Data: 14/11/2017

1. Dados de Identificação:

Nomes dos licenciandos (as): Thales Duarte e Verônica Fernandes Diaz

Escola: E.M.E.I. Ruth Blank

Ano / Turma: Pré-2 B

Carga horária da aula: 2h/aula

Dia da semana / horário: Terça-feira, 8h as 10h

2. Objetivo Geral: Fomentar a participação coletiva nas improvisações e na relação palco x plateia.

3. Objetivos Específicos: Estimular a participação nos jogos de regras, a cooperação, o coletivismo. Desenvolver a improvisação teatral e relação palco x plateia.

4. Conteúdos:

Improvisação Teatral;

Expressão Corporal;

5. Desenvolvimento da aula:

Aquecimento corporal com a música “*Estátua*” da Xuxa;

Brincadeira tradicional: Dança das Cadeiras;

Jogos de ordenação e regras

Brincadeira: “*O Zoológico*”. Objetivo: Imitar os animais, estimular a reação rápida, a cooperação, acuidade auditiva e o companheirismo. Descrição: Os participantes deverão estar em grupo de até quatro indivíduos, deverão escolher um animal que queiram ser, após escolher, deverão ficar de mãos dadas, em círculo, pois estarão numa “jaula”, quando o educador disser: “- *Os animais podem ficar soltos!*”, os participantes deverão soltar as mãos e imitar o animal que escolheram. Quando o educador disser: “- *O guarda está vindo!*”, todos deverão voltar para o círculo e novamente ficar de mãos dadas.

Cada grupo apresenta seu coletivo de animais enquanto o restante assiste, depois, um participante de cada grupo entra no espaço de jogo (tapete) e improvisa ações com os outros participantes.

Roda de conversa sobre a relação entre espectador, ator e teatro.

6. Referências:

MALUF, Angela Cristina Munhoz. Atividades Recreativas para Divertir e Ensinar. Petrópolis-RJ. Vozes, 2005.

PAVIS, Patrice. Dicionário de Teatro. São Paulo. Perspectiva, 1999.

7. Observações após aula: Primeira aula em que utilizamos a dança das cadeiras, e eles gostaram muito, se divertiram demais, todos participaram. Foi possível perceber que houve resistência em criar grupos diferentes, pois muitos não interagem com os outros colegas. Pensamos então em modificar esses grupos e proporcionar uma maior interação. Quanto a imitar os animais, a participação de todos os grupos foi satisfatória, pois cada grupo (em consenso) escolhia o animal que seria representado, outras vezes sugeriam até mudar de animal (autonomia e atenção com o jogo). Com a oportunidade de apresentar esses coletivos na relação palco x plateia houve por parte da maioria o interesse em criar histórias, por exemplo, como uma das alunas disse: “- *Vocês são as girafas e eu sou o lobo que entra pra pegar vocês*”, ou seja, já percebia a necessidade de inserir outros personagens e criar conflitos.

PLANO DE AULA Nº 04 Data: 16/11/2017

1. Dados de Identificação:

Nomes dos licenciandos (as): Thales Duarte e Verônica Fernandes Diaz

Escola: E.M.E.I. Ruth Blank

Ano / Turma: Pré-2 B

Carga horária da aula: 2h/aula

Dia da semana / horário: Quinta-feira, 8h as 10h

2. Objetivo Geral: Proporcionar a mediação teatral sobre a peça *“O Reizinho Mandão”*.

3. Objetivos Específicos: Estimular a percepção corporal, percepção visual.
Promover a mediação teatral e a linguagem teatral.

4. Conteúdos:

Expressão Corporal;

Improvisação Teatral;

Mediação Teatral;

5. Desenvolvimento da aula:

Roda de conversa sobre fundamentos básicos da linguagem teatral;

Aquecimento corporal com a música *“Estátua”*;

Brincadeira tradicional: dança das cadeiras;

Caminhada pelo espaço testando diferentes ritmos, velocidades e estimulando a percepção visual.

“Jogo do Espelho”. Objetivo: Refletir/repetir o movimento do gerador.

Descrição: Dividir o grupo em times de dois. Um jogador fica sendo A, o outro B. Todos os times jogam simultaneamente. A fica de frente para B. A reflete todos os movimentos iniciados por B, dos pés à cabeça, incluindo expressões faciais. Após algum tempo inverte as posições de maneira que B reflita;

Expressão corporal a partir dos personagens. Exemplo: Como o rei se movimenta?
Como o papagaio se movimenta?

Roda de conversa sobre a relação ator x personagem;

Desenho sobre a mediação.

6. Referências:

PAVIS, Patrice. Dicionário de Teatro. São Paulo. Perspectiva, 1999.

SPOLIN, Viola. Jogos Teatrais: O Fichário de Viola Spolin. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

7. Observação após aula: Começamos a abordar alguns elementos da linguagem teatral como ator, personagem e cenários. Alguns tiveram dificuldade em assimilar e diferenciar cada, outros relacionaram com a peça que participavam, daí usamos como forma de explicar cada um de uma maneira mais próxima.

Continuamos com a caminhada pelo espaço pois a maioria ainda não havia feito. Pulamos o jogo do espelho e desenvolvemos uma atividade de expressão corporal, utilizando personagens da peça *“O Reizinho Mandão”*. Surgiram diferentes corpos para cada estímulo mas havia uma preocupação em como o colega estava fazendo.

PLANO DE AULA N° 05 Data: 21/11/2017

1. Dados de Identificação:

Nomes dos licenciandos (as): Thales Duarte e Verônica Fernandes Diaz

Escola: E.M.E.I. Ruth Blank

Ano / Turma: Pré-2 B

Carga horária da aula: 2h/aula

Dia da semana / horário: Terça-feira, 8h as 10h

2. Objetivo Geral: Acarretar uma introdução sobre a peça “*O Reizinho Mandão*”, cuja qual será assistida e trabalhada nas próximas aulas.

3. Objetivos Específicos: Iniciar um processo de mediação com relação ao teatro, a peça que será assistida e os personagens nela contidos; estimular a imaginação e promover a criação de arquétipos; desenvolver estímulos sensoriais; encorajar a dramatização através de jogos teatrais; incentivar o trabalho em grupo; reforçar e perceber o que foi trabalhado em aula.

4. Conteúdos:

Expressão Corporal e Vocal;

Improvisação Teatral;

Jogos Teatrais;

Criação Coletiva;

5. Desenvolvimento da aula:

Roda de conversa: Com foco no debate promovido pela revelação da notícia da peça que assistirão, comentando sobre os personagens nela contidos e instigando a imaginação dos alunos acerca destes.

Aquecimento corporal e vocal com músicas: Música “*Estátua*” da Xuxa, dança das cadeiras.

Grupos dos personagens: Cada grupo fica responsável por um personagem, por exemplo “Grupo do Reizinho”.

Criar histórias sobre o personagem do seu grupo: O grupo do Reizinho, inventa uma história sobre como é este reizinho em temperamento e forma física/gestual.

Contar a história: Cada membro de cada grupo conta um pouco da história que criaram, com liberdade para dramatizá-la.

Caminhar pela sala imitando os personagens: Todos caminham pela sala aos comandos da professora, e/ou de um determinado aluno imitando o personagem escolhido, por exemplo “- *Imitem um sapo!*”.

Desenho sobre o que aprenderam em aula (Como imaginam que serão os personagens, como o Reizinho, Sapo, Papagaio, Menina, etc., que conversaram e “imitaram”).

6. Recursos: Sala de aula; lápis, borracha, folhas de ofício, lápis de cor e canetinhas; caixas de som...

7. Observações após aula: Neste dia revelamos que eles vão assistir a peça; ficaram surpresos e felizes com a oportunidade de ver um espetáculo. Inserimos a dança das cadeiras como uma forma de aquecimento também atendendo uma necessidade deles. Quando cada grupo de um personagem específico (como no jogo do zoológico) improvisava corpos e narrativas, isso influenciava que os outros grupos também participassem pois deixamos com que dramatizassem de forma livre.

PLANO DE AULA N° 06 Data: 23/11/2017

1. Dados de Identificação:

Nomes dos licenciandos (as): Thales Duarte e Verônica Fernandes Diaz

Escola: E.M.E.I. Ruth Blank

Ano / Turma: Pré-2 B

Carga horária da aula: 2h/aula

Dia da semana / horário: Quinta-feira, 8h as 10h

2. Objetivo Geral: A participação nos jogos dramáticos e a criação de narrativas lúdicas.

3. Objetivos Específicos: Estimular a percepção espacial, a participação na criação das histórias, o envolvimento no jogo dramático.

4. Conteúdos:

Expressão Corporal;

Improvisação Teatral;

5. Desenvolvimento da aula:

Roda de conversa;

Aquecimento corporal com a música “*Estátua*” da Xuxa;

A imitação de gestos corporais em círculo, onde cada participante propõe um movimento corporal.

Jogo “*Fugindo da chuva*”. Objetivo: desenvolver a socialização e acuidade auditiva. Descrição: Delimita-se uma área do pátio ou sala para servir de proteção aos participantes. Caminhando pelo espaço o educador vai contando histórias, a qualquer momento o educador interromperá a história dirá: “- *Está chovendo!*”, sempre que os participantes ouvirem esta frase deverão correr e ir para a área delimitada.

Jogo “*A Fada mandou*”. Objetivos: desenvolver a socialização, a imaginação, a criatividade. Descrição: o educador dará ordens, por exemplo: “- *A fadinha mandou que todos cantem a canção ciranda – cirandinha*”. Um de cada vez irá ser a fada e comandará a atividade.

Roda de conversa sobre as atividades da aula.

6. Referências:

MALUF, Angela Cristina Munhoz. Atividades recreativas para divertir e ensinar. Petrópolis-RJ. Vozes, 2005.

SLADE, Peter. O Jogo Dramático Infantil. São Paulo: Summus, 1978.

SPOLIN, Viola. Jogos Teatrais: O Fichário de Viola Spolin. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

7. Observações após aula: Com o jogo de criação de movimentos, percebeu-se que há uma dificuldade de movimentar, utilizar outros apoios, níveis e ritmos. Ainda há uma imitação de movimento mesmo recebendo diferentes estímulos. Utilizamos o tapete da sala como área de jogo, como na brincadeira “*Fugindo da chuva*”, em que todos tinham atenção às regras. Com o jogo “*A fadinha mandou*” eles ousaram nos movimentos e utilizavam outros personagens para ser o “mandão” da vez e os colegas reagiam fazendo o que a fadinha pedia.

PLANO DE AULA N° 07 Data: 28/11/2017

1. Dados de Identificação:

Nomes dos licenciandos (as): Thales Duarte e Verônica Fernandes Diaz

Escola: E.M.E.I. Ruth Blank

Ano / Turma: Pré-2 B

Carga horária da aula: 2h/aula

Dia da semana / horário: Terça-feira, 8h as 10h

2. Objetivo Geral: Promover a criação de narrativas a partir dos personagens da peça *“O Reizinho Mandão”*.

3. Objetivos Específicos: A participação na criação coletiva de narrativas lúdicas, a percepção espacial. Fomentar o conhecimento sobre a linguagem teatral.

4. Conteúdos:

Expressão corpóreo-vocal;

Jogo dramático;

5. Desenvolvimento da aula:

Roda de conversa;

Aquecimento corporal e vocal;

Dança das cadeiras;

Caminhada pelo espaço experimentando diversos ritmos, velocidades e níveis.

Jogo dramático: *“Para onde foi a menina?”* Da mesma forma com que o reizinho na peça procura por uma menina, os participantes também a procurarão utilizando os espaços da sala, o educador dará pistas sobre o paradeiro relacionando com os objetos já espalhados pela sala.

Relação palco x plateia; três participantes entram na área de jogo e improvisam uma cena entre o reizinho ou a rainha, o papagaio e a menina, enquanto o restante assiste a improvisação. O exercício termina quando todos já estiverem ocupado a área do jogo.

Telefone sem fio sobre o que cada um “descobriu” sobre o paradeiro da menina.

Roda de conversa sobre a peça e a relação da linguagem teatral nas atividades desenvolvidas.

6. Referências:

MALUF, Angela Cristina Munhoz. Atividades recreativas para divertir e ensinar. Petrópolis-RJ. Vozes, 2005.

SLADE, Peter. O jogo dramático infantil. São Paulo: Summus, 1978.

7. Observações após aula: Adaptamos a história do reizinho para servir de narrativa pra improvisação, utilizando inicialmente a caminhada pela floresta e a procura pela menina (igual o reizinho faz na peça). Depois de criarem uma improvisação coletiva, três participantes entraram na área de jogo e improvisaram uma cena entre o reizinho ou rainha, o papagaio e a menina. Surgiram diferentes improvisações e formas de se expressar, surgiram outros personagens como o lobo (já que uma das alunas gostava muito de representar o lobo).

PLANO DE AULA N° 09 Data: 05/12/2017

1. Dados de Identificação:

Nomes dos licenciandos (as): Thales Duarte e Verônica Fernandes Diaz

Escola: E.M.E.I. Ruth Blank

Ano / Turma: Pré-2 B

Carga horária da aula: 2h/aula

Dia da semana / horário: Terça-feira, 8h as 10h

2. Objetivo Geral: Promover uma reflexão acerca da peça “*O Reizinho Mandão*”, assistida na aula anterior.

3. Objetivos Específicos: Estimular a criação, imaginação e ludicidade dos alunos através de jogos teatrais; Desenvolver a participação crítica diante da obra artística; Testar os sentidos e a percepção de cada um através de estímulos sensoriais.

4. Conteúdos:

Expressão Corporal e Vocal;

Improvisação Teatral;

Criação Coletiva;

5. Desenvolvimento da aula:

Roda de conversa: Captando principalmente as percepções dos alunos em relação a peça *O Reizinho Mandão*.

Desenho sobre a peça *O Reizinho Mandão*: Mais um registro de suas percepções.

Aquecimento corporal e vocal com músicas: Música “*Estátua*” da Xuxa, dança das cadeiras.

Jogo Identificação de Objetos: Tem como objetivo estimular a percepção, sensações e criatividade, através do tato.

Jogo Fila de Cegos: Duas filas. Faz-se uma fila de pessoas com os olhos fechados, esta procura sentir, com as mãos, o rosto e as mãos das pessoas da outra fila, que estarão de olhos abertos, cada qual os do colega que está na sua frente. Depois separam-se e os cegos tentarão descobrir tocando nos rostos e mãos de todos, qual o colega que estava a sua frente.

Jogo Parte do Todo: Um jogador entra na área de jogo e torna-se parte de um grande objeto ou organismo (animal, vegetal ou mineral). Logo que a natureza do objeto seja percebida pelo outro jogador, ele entra no jogo como outra parte do todo sugerido. O jogo continua até que todos os participantes estejam trabalhando juntos para formar o objeto completo. Os jogadores podem assumir qualquer movimento, som, ou posição para ajudar a completar o todo. Exemplos incluem máquinas, células do corpo, relógios, mecanismos abstratos, constelações, animais, etc.

Roda de conversa acerca da moral da peça.

6. Recursos: Sala de aula; lápis, borracha, folhas de ofício, lápis de cor e canetinhas; caixas de som; objetos da própria sala de aula como brinquedos.

7. Observações após aula: Com esses jogos voltados para a percepção tátil e visual, percebemos que eles participaram pois era algo novo para eles, e muitos deles conseguiram identificar os colegas através das características de cada um. Na conversa sobre a peça que assistiram (*O Reizinho Mandão*), retomaram o nome dos personagens, improvisaram como cada um se apresentava, isso antes mesmo de pedir a eles. Notou-se que a recepção, o fato deles assistirem, fez com que improvisassem outros corpos para os personagens, diferentes dos que haviam feito durante as outras aulas.

8. Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Vol 3. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação. Fundamental, 1998.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais de 1º a 4º Séries: Arte. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação. Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 2001.

KOUDELA, Ingrid Dormien. A Ida ao Teatro. (arquivo digital, pdf)

LEONN, Lúcio. JOGOS Dramáticos e Teatrais – (conceito: Ação (espaço/tempo)): SUGESTÕES DE ATIVIDADES – via Projeto de Teatro Aplicado. Disponível em <http://notasdator.blogspot.com/2009/10/jogos-dramaticos-e-teatrais-conceito.html>, acessado em 01 de dez, 2017.

SPOLIN, Viola. Jogos Teatrais: O Fichário de Viola Spolin. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PLANO DE AULA N° 10 Data 12/12/2017

1. Dados de Identificação:

Nomes dos licenciandos (as): Thales Duarte e Verônica Fernandes Diaz

Escola: E.M.E.I. Ruth Blank

Ano / Turma: Pré-2 B

Carga horária da aula: 2h/aula

Dia da semana / horário: Terça-feira, 8h as 10h

2. Objetivo Geral: Finalizar este ciclo de aulas, interagindo com os alunos e compreendendo suas percepções sobre tudo o que foi trabalhado.

3. Objetivos Específicos: Realizar brincadeiras; efetuar jogos de interação e atenção; refletir sobre tudo que aprendemos em aula.

4. Conteúdos:

Expressão Corporal e Vocal;

Jogos Teatrais;

5. Desenvolvimento da aula:

Brincadeiras no tapete: Junto com os professores, brincaram com lego, bonecos, carrinhos, etc.;

Roda de conversa: Sobre como estão, o que viram na aula anterior...

Aquecimento corporal e vocal com músicas: Música “*Estátua*” da Xuxa, dança das cadeiras;

Brincadeira telefone sem fio: Conversando sobre o Natal, o que gostariam de ganhar do Papai Noel;

Roda de conversa: Sobre tudo que foi visto e trabalhado em aula, e o que acharam a respeito disso.

6. Recursos: Brinquedos encontrados na própria sala de aula, caixas de som, cadeiras.

7. Observações após aula: Nesta última aula de estágio retomamos alguns jogos,

falamos novamente sobre alguns conceitos que trabalhamos, e ouvimos o que cada um

havia gostado mais das aulas. Percebemos que cada um entendeu a partir da experiência prática que teve, uns relacionando com a peça de *O Mágico de Oz* e outros com a peça *O Reizinho Mandão*.

8. Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Vol. 3. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais de 1º a 4º Séries: Arte. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 2001.

KOUDELA, Ingrid Dormien. A Ida ao Teatro. (arquivo digital, pdf)

LEONN, Lúcio. JOGOS Dramáticos e Teatrais – (conceito: Ação (espaço/tempo)): SUGESTÕES DE ATIVIDADES – via Projeto de Teatro Aplicado. Disponível em <http://notasdator.blogspot.com/2009/10/jogos-dramaticos-e-teatrais-conceito.html>, acessado em 01 de dez, 2017.

Registros dos alunos

















